

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma especificidade da Museologia brasileira? Esta é a questão que se interpõe à nossa reflexão. Segundo Peter Van Mensch, um dos maiores estudiosos do pensamento museológico internacional na atualidade, a maior contribuição da América Latina para a Museologia foi a Declaração de Santiago do Chile.<sup>207</sup> Após Santiago o autor, em suas aulas, não destacou nenhuma outra contribuição de peso internacional e perguntado sobre os museólogos aqui estudados limitou-se a ponderar o problema da barreira lingüística, já que a maior parte deles tem publicado somente em português e francês. Entretanto, na distinção que fez das orientações teóricas da Museologia contemporânea, Van Mensch localiza na opção pelo estudo do fato museal uma destas tendências, recorrendo assim a um conceito definido por Waldisa Russio.

Pela representatividade dessa análise e recorrência na bibliografia da conceituação gerada a partir da definição de fato museal por Russio, consideramos que esta tenha sido até o momento a mais proeminente contribuição brasileira para a construção epistemológica da Museologia.

É, portanto, lamentável, que ainda hoje a barreira da língua seja critério para a delimitação das idéias que possam ou não ser elevadas ao plano do conhecimento internacional e do reconhecimento de sua relevância. Por um lado, permanece no mundo da Museologia a dicotomia entre reflexões de procedência anglófila ou francófila. Não que isto represente na maior parte dos casos uma

---

<sup>207</sup> Anotações de aula do Curso de Especialização em Museologia referentes ao seminário proferido por Peter Van Mensch dias 02 a 06/10/2000.

discordância conceitual, mas uma resistência da intelectualidade desses universos em aprofundarem o debate da produção proveniente de outra língua. O ICOFOM é a instância do ICOM que tem proporcionado uma quebra destas rotinas, com a adoção de parâmetros bilíngües de publicações e debates. A superação de um empecilho adicional tem sido objetivo de labor suplementar: a problemática das terminologias, que gerou um Grupo de Trabalho específico no seio do ICOFOM.

Ainda assim, a produção dos autores brasileiros aqui estudados não é de largo conhecimento internacional, seja porque os autores não têm seus textos versados do português para outros idiomas, seja porque nem todos têm ou tiveram participação no ICOFOM. Na obra mencionada de Fattouh e Simeon, os brasileiros presentes são Barbuy, Bruno, Russio e Scheiner, além de Marcelo Araujo e Maria de Lourdes Parreiras Horta.<sup>208</sup>

Por isto, destacamos iniciativas como a da criação do ICOFOM-LAM, onde se tornaram possíveis os intercâmbios de idéias em termos de América Latina e a da publicação dos Cadernos de Sociomuseologia, que estão, há uma década, colaborando para a divulgação maior da produção da Museologia em língua portuguesa e abrindo uma das poucas vias editoriais nesta língua que resistem às primeiras publicações.

Outra contribuição que consideramos de fundamental importância na bibliografia nacional é a opção por soluções particulares e criativas frente às tecnologias onerosas e inadequadas vindas do exterior. Esta idéia está presente em Santos e Russio, por exemplo. A necessidade de redução das teorias aos contextos

---

<sup>208</sup> FATTOUH e SIMEON, 1997, *op. cit.*, p. 31-32.

específicos faz parte das reflexões que os países em desenvolvimento podem, mais que quaisquer outros, recomendarem, por suas próprias e desastrosas experiências anteriores com a importação de padrões não adaptados às suas realidades. Advertências a este respeito estão ainda em Scheiner e Bruno.

Uma outra consideração é essencial: a diversidade cultural deveria ser valorizada como o conjunto das possibilidades do homem resolver sua existência material e imaterial. Assim como a biodiversidade proporciona diferentes soluções para a sobrevivência biológica das espécies, a diversidade cultural representa os recursos disponíveis para a sobrevivência e adaptação da espécie humana ao seu ambiente. Tendo isto em apreço, podemos avaliar o Brasil como sendo, além de uma importante reserva biológica da humanidade, possuidor de um conjunto cultural especialmente diverso e, por isto mesmo, detentor de um vasto universo para experimentações que venham a alimentar a teorização em áreas como a Museologia.

No sentido das contribuições epistemológicas, identificamos neste estudo uma outra formulação de grande relevância, quando Cristina Bruno, em seu exercício de sistematização da teoria museológica, vai na essência da questão da especificidade do caráter preservacionista da Museologia, desenvolvido por meios de ações que garantam a salvaguarda e a comunicação patrimoniais. A definição desta cadeia operatória básica para a Museologia e a concepção de que a preservação é a natureza deste processo nos parece ser um avanço no sentido da demarcação de fronteiras entre a Museologia e outros ramos do conhecimento.

Se há uma ou várias museologias é outra questão de fundo destas discussões. Entre os autores brasileiros estudados, mais

que uma opção radical por uma Nova Museologia, há exatamente uma reflexão e questionamento, uma busca de renovação da prática museológica. Como vimos, Scheiner, em sua análise da produção do ICOFOM sobre identidades, localiza especificidades regionais. Tal constatação não se contrapõe às conclusões análise de Fattouh e Simeon por estarem estas direcionando o seu olhar para conceitos mais intrínsecos ao fato museal, quais sejam: a realidade, o museu e o homem. Sua conclusão é pela existência de uma só Museologia.<sup>209</sup> Mesmo ponto de vista expresso pelo simpósio do ICOFOM de Hyderabad (1988), mencionado por Van Mensch: “*A opinião geral, expressa pelos museólogos de diferentes partes do globo, admitiu que no nível mais elevado de abstração, só há uma museologia. No nível prático, no entanto, podem haver muitas diferenças de acordo com as condições culturais e sócio-econômicas locais*”.<sup>210</sup> É, portanto, uma Museologia com ondas de renovação.

Ainda que os autores que estudamos não se intitulem “novos” museólogos, entendemos que estejam, com suas práticas e reflexões, contribuindo para a renovação da Museologia. No geral, estamos diante de trajetórias que se entrecruzam e se influenciam mutuamente, seja pela confluência, seja pela provocação de reflexões e oposição. Porém, se os caminhos profissionais e acadêmicos se encontram, não percebemos correspondência para tal na bibliografia. Não notamos, na dimensão esperada, uma utilização mútua da produção bibliográfica como ponto de partida para a discussão entre estes autores de suas concepções de Museologia. As oposições, aliás, são raramente acirradas, e talvez em alguns pontos, a ampliação dos

---

<sup>209</sup> Idem, p. 49.

<sup>210</sup> VAN MENSCH, Peter. **O objeto de estudo da Museologia**. Rio de Janeiro: UNI-RIO / UGF, 1994. (Pretextos Museológicos, 1). p. 02.

debates gerasse, dialeticamente, um desenvolvimento epistemológico ainda maior para a área.

Se há um modelo museológico próprio do Brasil, também é outra questão inerente a este estudo. Mário Chagas ressalta em seu trabalho sobre o pensamento museológico de Mário de Andrade o quanto se buscava, àquela época, um modelo nacional de cultura. E findo o século XX, será que se pode dizer que há um projeto museológico realmente brasileiro? Para Maria Célia Santos, “*neste momento, a solução para a museologia brasileira está no pequeno museu comunitário*”, construído por meio de uma metodologia participativa.<sup>211</sup> Mas autores como Bruno e Scheiner continuam a apostar em um leque muito maior de possibilidades. O que está fora de questão é a necessidade de confrontar a teoria com o contexto real de aplicação, para definir o modelo a adotar.

---

<sup>211</sup> SANTOS, 1993, *op. cit.*, p. 70.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANAIS do I Encontro Internacional de Ecomuseus.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Printel, 1992.
- ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Cristina (orgs.). **A memória do pensamento museológico brasileiro: documentos e depoimentos.** Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.
- BARBUY, Heloisa. “Museu e geração de cultura”. *In: Cadernos Museológicos*, 2. Rio de Janeiro: MinC / SPHAN / Pró-Memória, 1989. p. 36-40.
- \_\_\_\_\_. “A conformação dos ecomuseus: elementos para a compreensão e análise”. *in Anais do Museu Paulista – História e cultura material*. Nova Série, V. 3. São Paulo: Universidade de São Paulo, jan./dez. 1995. p. 209-36.
- \_\_\_\_\_. **A exposição universal de 1889 em Paris:** visão e representação na sociedade industrial. São Paulo: Edições Loyola, 1999. (Série Teses).
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **O Museu do Instituto de Pré-História:** um museu a serviço da pesquisa científica. São Paulo: FFLCH/USP, 1984. (Dissertação de Mestrado).
- \_\_\_\_\_. **Objeto de museu: do objeto testemunho ao objeto diálogo.** Palestra proferida na Reunião Regional da Associação Brasileira de Antropologia. Belém: 1993 (digitado).
- \_\_\_\_\_. **Musealização da Arqueologia:** um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. (Tese de Doutorado).

- \_\_\_\_\_. **Museologia e comunicação.** Lisboa: ULHT, 1996. (Cadernos de Sociomuseologia, n. 9).
- \_\_\_\_\_. **Museologia para professores: os caminhos da educação pelo patrimônio.** São Paulo: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1998a.
- \_\_\_\_\_. **Curso de Especialização em Museologia - projeto acadêmico.** São Paulo: MAE/USP, 1998b.
- CHAGAS, Mario. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade.** Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, 13)
- \_\_\_\_\_. **Museália.** Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.
- CHIARI, Selma Ires. **O perfil museo-arqueológico do Projeto Paranapanema.** São Paulo: MAE/USP, 1999. (Dissertação de Mestrado)
- DESVALLÉES, André. “A Museologia e os museus: mudanças de conceitos”. *in* **Cadernos Museológicos**, 1. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/SPHAN - Pró-Memória, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Vagues: une anthologie de la nouvelle museologie.** Paris: W M. N. E. S., 1992. Vol. 1.
- \_\_\_\_\_. **Vagues: une anthologie de la nouvelle museologie.** Paris: W M. N. E. S., 1994. Vol. 2.
- DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **Imagens de vida, trabalho e arte.** Um estudo de caso de documentação museológica: a coleção de imaginária do Museu Dom José (Sobral – Ceará – Brasil). Lisboa: ULHT, 1998. (Cadernos de Sociomuseologia, 12).

EVRES, Ana Cristina Léo Barcellos. **A Musealização da Natureza. Patrimônio e Memória na Museologia.** Rio de Janeiro: UNIRIO, 2000. (Dissertação de Mestrado em Memória Social e Documento)

FATTOUH, Nadine, SIMEON, Nadia. **ICOFOM – Orientations museologiques et origines géographiques des auteurs.** Paris: École du Louvre, 1997.

II ENCONTRO Internacional de Ecomuseus “Comunidade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável”. **Carta de Santa Cruz.** Santa Cruz, Rio de Janeiro: Maio de 2000.

LOPES, Maria Margareth. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais do século XIX.** São Paulo: HUCITEC, 1997.

PRIMO, Judite (org.). **Museologia e Patrimônio: documentos fundamentais.** Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, 15)

RUSSIO, Waldisa. **Museu? Um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento.** São Paulo: FESP, 1977. (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_. **Um museu da indústria na cidade de São Paulo.** São Paulo: FESP, 1980. (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. “Museologia, Museu, museólogos e formação”. in **Revista de Museologia**, 1. São Paulo, 2º sem. 1989. p. 7-11.

\_\_\_\_\_. “Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação.” in **Cadernos Museológicos**, 3. Rio de Janeiro: IBPC, 1990.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Museu, escola e comunidade:** uma integração necessária. S. L.: SPHAN, 1987.

\_\_\_\_\_. **Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus.** Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993.

\_\_\_\_\_. **Processo museológico e educação:** construindo um museu didático-comunitário. Lisboa: ULHT, 1996. (Cadernos de Sociomuseologia, 7).

\_\_\_\_\_. **Entrevista.** Concedida a Mário Chagas. (inédita).

VAN MENSCH, Peter. **O objeto de estudo da Museologia.** Rio de Janeiro: UNI-RIO/UGF, 1994. (Pretextos Museológicos, 1)

SCHEINER, Tereza Cristina. "Museus universitários: educação e comunicação". **Ciências em Museus**, V 4. Belém: Museu Goeldi/ CNPq, 1992.

\_\_\_\_\_. **Apolo e Dioniso no Templo das Musas.** Museu: gênese, idéia e representações em sistemas de pensamento da sociedade ocidental. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1998. (Dissertação de Mestrado)

\_\_\_\_\_. "Muséologie et la philosophie du changement". *in* **ISS Museology.** ICOM, Paris, França, junho 2000.